

IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO – UMA GEOGRAFIA DA MEMÓRIA DA ALTA DE COIMBRA*

Paula Santana**

O nosso Mundo, as nossas vidas, são marcadas cada vez mais pelo conflito entre a globalização e a identidade. Identidade, enquanto fonte de pensamento e experiência pessoal, com finalidades ou propósitos próprios.

A construção da identidade num mundo estruturado pelo crescimento dos processos de globalização pode parecer um paradoxo, mas é, no entanto, uma necessidade.

Todas as identidades são construídas. O que importa revelar nesta apresentação é saber Quem, Para Quê, Por Quem, se construiu a Alta de Coimbra e Em Nome de Quê foi destruída.

Colocando em destaque o espaço e tempo, vamos revelar como os indivíduos, os grupos sociais e as sociedades rearranjaram os seus desígnios, de acordo com as determinantes sociais e culturais antes dos anos cinquenta.

Repensar a Alta, é inquietarmo-nos com o presente, regressar ao passado. O passado da Cidade e da Universidade. Perceber o quanto e como a cidade cresceu por causa da Universidade, e quanto sofreu...

O bairro intramuros desenvolveu-se após a instalação da Universidade no século XIII e de subsequentes aumentos e melhoria das instalações, fundamentalmente na área confinada pela muralha (MARGARIDO e QUEIRÓS, 1991). A muralha separa também duas áreas com características topográficas e de morfofuncionalidade bem distintas: Bairro Alto (dominado pelo quotidiano da vida estudantil e universitária) e o Bairro da Baixa (marcado pela actividade comercial e de artesanato). A população, não só a estudantil como outra ligada às actividades académicas, é atraída pelos serviços e também pelo comércio que prosperavam na parte Alta da cidade.

Em 1930 a população de Coimbra era de cerca de 30.000 pessoas. Nas freguesias de Almedina (4343) e da Sé Nova (11.240) concentrava-se um pouco mais de metade da população da cidade (15.583). De acordo com os Censos, entre 1940 e 1970 a Almedina perdeu 41,3% da população e a Sé Nova 25,5%. Esta diminuição teve

como causa directa a destruição de um quarto da área construída da Alta de Coimbra. Da Alta saíram 442 famílias correspondendo a cerca de 2400 pessoas, atendendo à média de pessoas por casa, não contando com a população estudantil. Segundo DE GROER, arquitecto urbanista responsável pelo Anteprojecto de Embelezamento e de Extensão da cidade de Coimbra, o número de habitantes em cada casa era de 8,8 na freguesia da Almedina (Sé Velha, como a assinala) e de 6,7 na freguesia da Sé Nova (p. 10).

Quase toda a população tinha uma ligação ao ensino quer directa (professores e alunos) quer indirectamente, através da prestação de serviços, de comércio e de pequena indústria de carácter artesanal. Por isso, quase todas as unidades funcionais que aí se encontravam eram dirigidas à clientela potencial: a estudantil e universitária.

Os serviços tinham um lugar de destaque: ligados ao Ensino - Escola Primária, Liceu, Faculdade de Letras, Museu Antropológico, Observatório Astronómico e a Associação Académica; e ligados à cidade - o Governo Civil, a Estação do Telégrafo, o Hospital dos Lázaros e as Igrejas (MARGARIDO, 1988).

Em 1910, segundo o Anuário Comercial, encontravam-se 67 anunciantes localizados na Alta demolida (CAETANO, 1988). As unidades funcionais que aí se encontravam eram variadas: alfaiates (6), barbeiros (5), sapateiros (2); marceneiros (2), latoeiros (2), encadernadores e douradores (4), relojoeiro (1), modistas (2), carvoeiro (1), e também mercearias (2), padaria (1), leitarias (2), tipografias (3), livrarias, (2), farmácia (1), fotografia (1), os serviços de ensino e de saúde, e muitas casas de comer (vários poisos como Gonçalo Reis Torgal (1988) os apresenta, contando 27 entre pensões, restaurantes, tabernas, cafés e leitarias).

Em 1934 foi nomeada uma Comissão com a finalidade de realizar estudos para a execução de obras na cidade Universitária. A Comissão era presidida pelo Reitor (MARGARIDO, 1991). Em 1942, iniciou-se a construção da Cidade Universitária, sendo confiada a orientação destas obras aos arquitectos Cottinelli Telmo e Cristino da Silva.

Um quarto da Alta foi alvo de expropriação e de demolição. Quase todos os edifícios que pertenciam à Universidade em 1940 são poupados, à excepção da

* Este texto foi produzido para acompanhar o filme intitulado "Alma da Alta – Alma que Falta", em co-autoria com Alexandre Ramirez.

** Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

Faculdade de Letras (com pouco mais de vinte anos) e da Associação Académica.

“Grandes alterações ocorreram no traçado do tecido urbano, tendo desaparecido alguns espaços ajardinados, os Largos da Feira, do Castelo e de S. João, a Alameda de Camões, as Ruas Larga, das Colchas, do Rego de Água, dos Penedos, do Marco da Feira, dos Estudos, do Cotovelo, de S. Jerónimo, dos Guedes, dos Militares, do Borralho, dos Lóios, do Forno, das Parreiras, dos Anjos, do Cosme, das Cozinhas e a Travessa de S. Pedro. São também destruídos os Arcos do Castelo e do Bispo” (MARGARIDO, 1991, p. 364).

Desapareceu, assim, da nossa vista um grande número de quarteirões residenciais, densamente ocupados por pessoas de várias classes sociais: os professores, os alunos e um grande conjunto (o mais vasto) de gente laboriosa que durante gerações contribuiu para que a Alta fosse um espaço onde o comércio miúdo e a manufactura casassem bem com a escala do sítio.

Com o dismantelar do casario, desagregaram-se os velhos usos e costumes, tradições e modos de vida. O que resta são testemunhos, quer em bocados de ruas, desarticulados e sem princípio ou fim, quer na memória viva das pessoas que recordam até os maus momentos (de privação económica, por exemplo), como os melhores da sua vida.

Com o anúncio da destruição de cerca de um quarto da Alta, alguns comerciantes instalaram-se em outras áreas, fundamentalmente na Baixa. Outros saíram para áreas contíguas à Alta ou mesmo para a Alta que permaneceu, outros ainda para os Bairros Novos, por exemplo o Bairro Marechal Carmona (hoje designado como Norton de Matos), para onde foi deslocada parte da população mais endinheirada (SILVA, 1988).

Em 1948 é aberto o primeiro edifício na Alta remodelada, o Arquivo da Universidade. O último, após vinte anos, é o Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Entre 1947 e princípio dos anos 60, cerca de 332 famílias de fracos recursos económicos são realojadas nos Bairros para pobres, construídos para o efeito (100 no de Celas, 100 no da fonte do Castanheiro, 80 no de Stª Clara, 20 no da Conchada, 32 na Lomba da Arregaça). Juntam-se a estas mais 100 famílias que não necessitaram de realojamento camarário por terem capacidade económica para resolver esse problema (SILVA, 1994). Alguns saíram para o Bairro Marechal Carmona, onde foram construídas, no total, 392 casas.

O bairro das Sete Fontes (Celas) é o primeiro a ser construído. A proposta inicial é a construção de casas desmontáveis de carácter provisório. No entanto, as casas que são concluídas em 1947 são construídas em blocos de cimento, cal e areia, sendo uma estrutura pouco resistente

e de fraca qualidade, rebocada no interior e no exterior. Casas em banda de um só piso, com uma notória simplicidade e até ruralidade, incluíam um pequeno quintal. A soma da área de construção varia entre os 34 e os 46 m².

A morfologia destes bairros é marcada por uma regularidade do traçado – planeado –, onde se inscrevem pequenas casas geminadas de um piso, dando visibilidade ao carácter económico da sua origem (SANTANA, 1998). Estes bairros, aquando da sua implantação, localizam-se em sítios segregados em relação à Alta e ao centro da cidade e, por isso, distantes quer do local de trabalho quer do local de aquisição de bens e serviços. Na envolvente dos bairros, as unidades habitacionais mais próximas são áreas rurais ou semirurais que não possuem quaisquer equipamentos de apoio social (saúde ou ensino). Excepção feita ao actual Bairro Norton de Matos, onde progressivamente se foram instalando mercearias, talhos, cafés, restaurantes, lojas de pronto a vestir, farmácias, conferindo a este bairro vida própria e independência relativamente à cidade. Só após várias décadas é que estas áreas são inseridas na malha urbana, através do cosimento à área envolvente com auxílio da abertura de novos espaços viários e pelo surgimento de novas urbanizações, quase todas posteriores aos anos setenta (SANTANA, 1998).

Após quase sessenta anos, percebe-se claramente que os efeitos de perda de identidade do espaço, da perda de sociabilidade e de convívio, o isolamento social e espacial, a inteligibilidade da casa e a exiguidade do espaço habitável tenham marcado profundamente estas gentes. Após mais de cinco décadas, apenas em alguns as lembranças retratam esses quadros. Outros, os que já nasceram no “novo bairro”, apropriaram-no e hoje muito dificilmente o querem deixar.

Segundo os elementos fornecidos pelo Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Coimbra, calcula-se que nos Bairros de Celas e da Fonte do Castanheiro 117 casas (em 200) são ainda ocupadas por pessoas que vieram da Alta que foi demolida. Quase todos (102) têm mais de 65 anos.

O que aconteceu na Alta de Coimbra foi fruto de uma leitura autocrática e cega – típica do regime político de então.

Nunca uma Universidade fez tão mal à cidade que a recebeu. O paradoxo reside nisto: foi também a Universidade que fez ressurgir a vida e organizou os espaços, ao longo de sete séculos, neste sítio alcandorado e de difícil acesso.

O que gerou a Alta – a Universidade – foi também o que a desfigurou e a desmembrou.

Pela Universidade, a Alta cresceu e quase morreu.

Relembremos as palavras de DE GROER, ao referir-se à Alta: “toda a colina da universidade, a parte alta da

cidade, é uma 'Cidade Museu', cujo aspecto deve ser inteiramente conservado" (1948, p. 14).

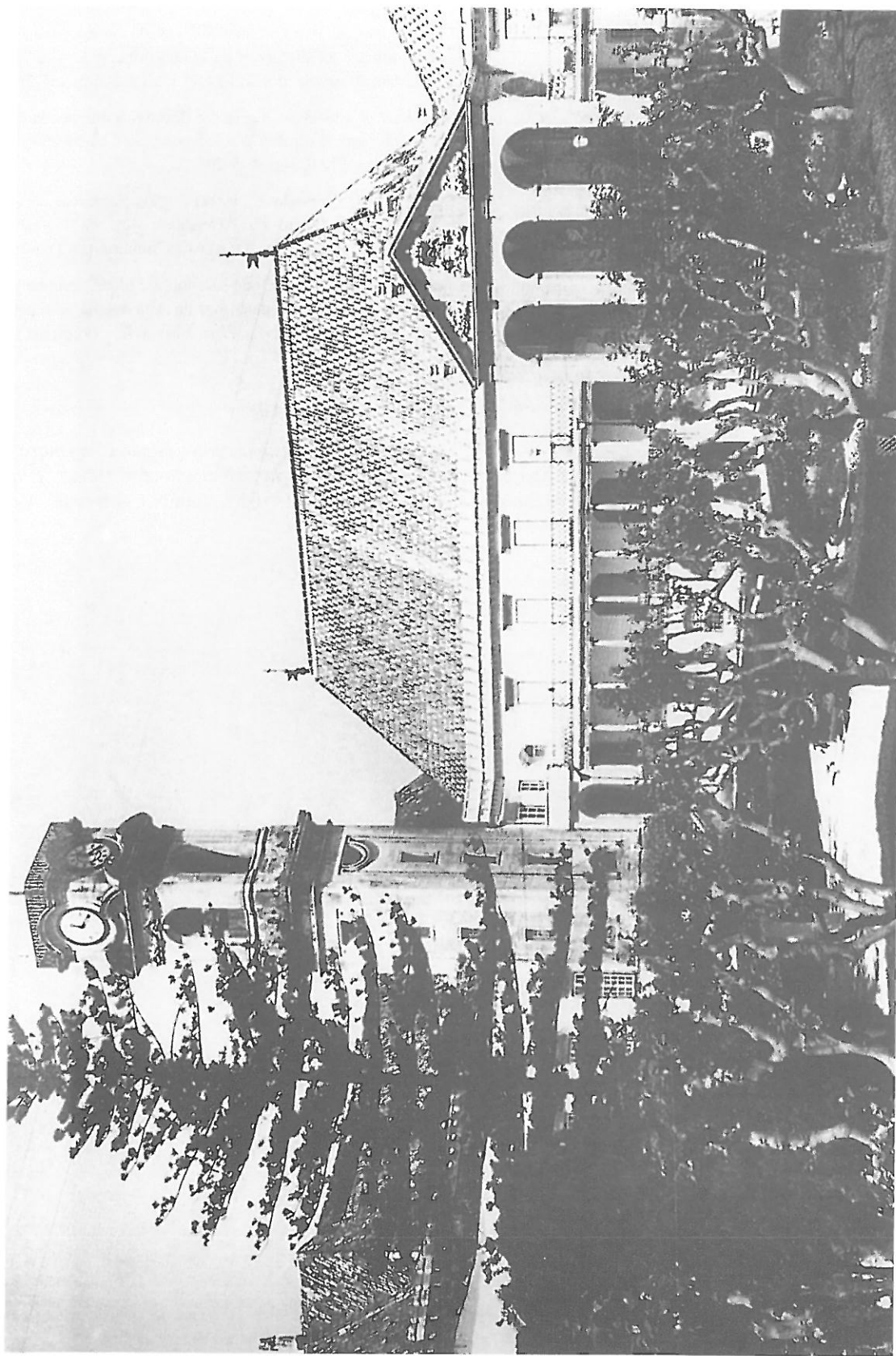
As imagens que se seguem tentam reconstituir a memória dos espaços da Alta demolida.

BIBLIOGRAFIA:

- CAETANO, L. (1988) - "Inventário de artífices e actividades específicas da Alta: situação decadente deste património urbano e propostas de ressurgimento". *A Alta de Coimbra. História, Arte, Tradição*, GAAC, Coimbra, pp. 183-208.
- DE GOER, E. (1948) - *Anteprojecto de Urbanização de embelezamento e de Extensão da Cidade de Coimbra*, CMC, Coimbra.
- MARGARIDO, A. P. (1988) - "A morfologia urbana da Alta de Coimbra. Suas condicionantes", *A Alta de Coimbra. História, Arte, Tradição*, GAAC, Coimbra, pp. 79-100.
- MARGARIDO, A. P. e QUEIRÓS, M. (1991) - "A Universidade de Coimbra e as alterações na malha urbana da Alta", *História da Universidade*, vol. 2, FLUC, Coimbra, pp. 357-393.
- SANTANA, P. (1998) - "Génese e desenvolvimento da habitação social em Coimbra". *Cadernos de Geografia*, nº 17, Coimbra, FLUC, pp. 195-201.
- SILVA, J. M. Azevedo e (1994) - "Os Salatinas da Alta e a criação do Bairro da Arregaça". *Alta de Coimbra. Que passado para o futuro?*, GAAC, Coimbra, pp. 163-174.
- TORGAL, G. (1988) - "Onde se conta de umas 'velhas' contadas e se fala de lugares de comer da Alta que havia e já não há". *A Alta de Coimbra. História, Arte, Tradição*, GAAC, Coimbra, pp. 67-78.

Fotografias extraídas de:

A velha alta...desaparecida: álbum Comemorativo das bodas de prata da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra. 2.^a ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1991.



Pisando ruas antigas e casas,
Rasgando o frágil tecido das vidas,
Que tanta luz, encandeia e cega!

I. A Universidade, como a Casa da Luz,
Mas foi da escuridão da cidade, que cresceu,
Como um gigante esclarecido e louco,



2. Daqui, deste poleiro de pássaros.

Eu sou a mão que comanda o coração do tempo.

E como se parte esse coração com o que meus olhos deixarão de ver!

Que a saudade, é como as asas negras dos corvos.

E todo o meu mundo é feito de animais e pessoas.

E dos seus lugares.

João Mémé, síncero da Universidade, guardião dos pássaros.

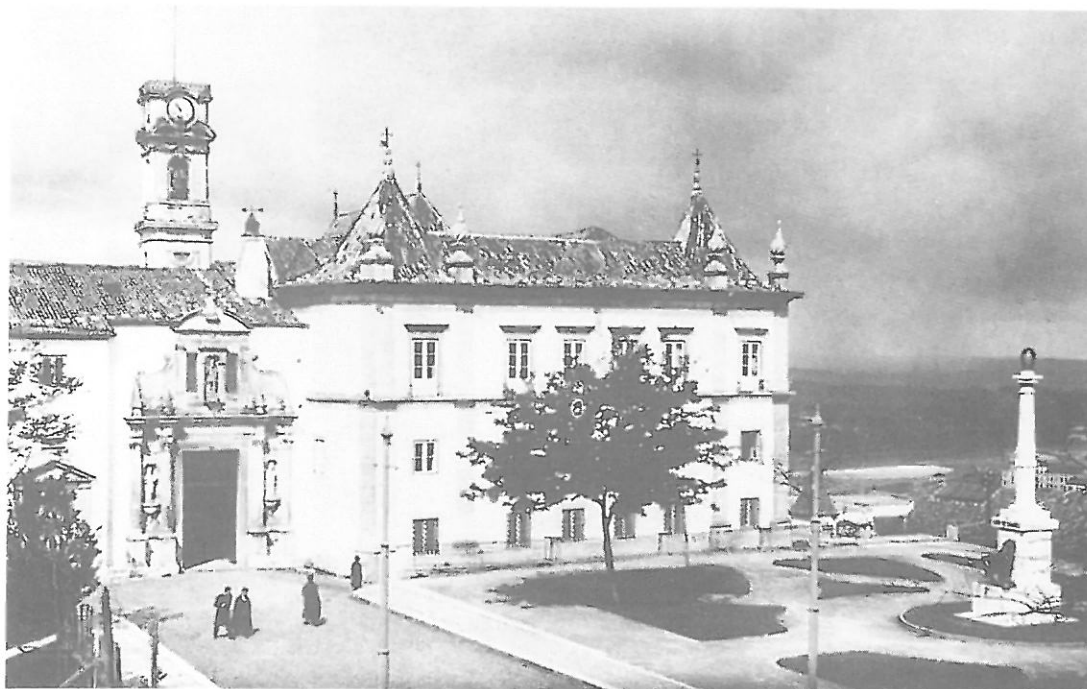
Últimos olhos que hão-de ver a desolação que há-de vir.

Adeus.



3. A cidade é feita de geometrias mágicas.
Que uma rua, encontra sempre outra rua.
Ruas de casas.
Casas de gente.

Gente de alma e carne.
E a pedra, argamassa das almas de hoje, com os sinais dos mais antigos.
O sortilégio dos lugares de encontro.



4. O lugar é um papel onde o tempo escreve suas vontades.
Letras feitas por gente.
Letras desfeitas por poderosos cegos.

Quem lerá, então, no braille das ruínas,
As letras?
Analfabetos corações!



5. Construir exige o rigor do prumo,
A ordem dos materiais,
O desenho dos espaços.

Para destruir basta, apenas.
Fechar os olhos à desordem que criamos.



6. Que, de um fundador de igrejas,
Se fez exemplo contrário.

S. Pedro teve uma igreja
Três vezes destruída.



7. Esquina de encostar rabo e costas,
Despir com os olhos as vizinhas.
Fumar um último cigarro.

Depois, desencostar e traçar outro caminho
Para longe, de noite.



8. Que esta casa é toda feita de rua,
E da família, somos todos.

A nossa sala é forrada de céu
E a nossa mesa é de amizade.



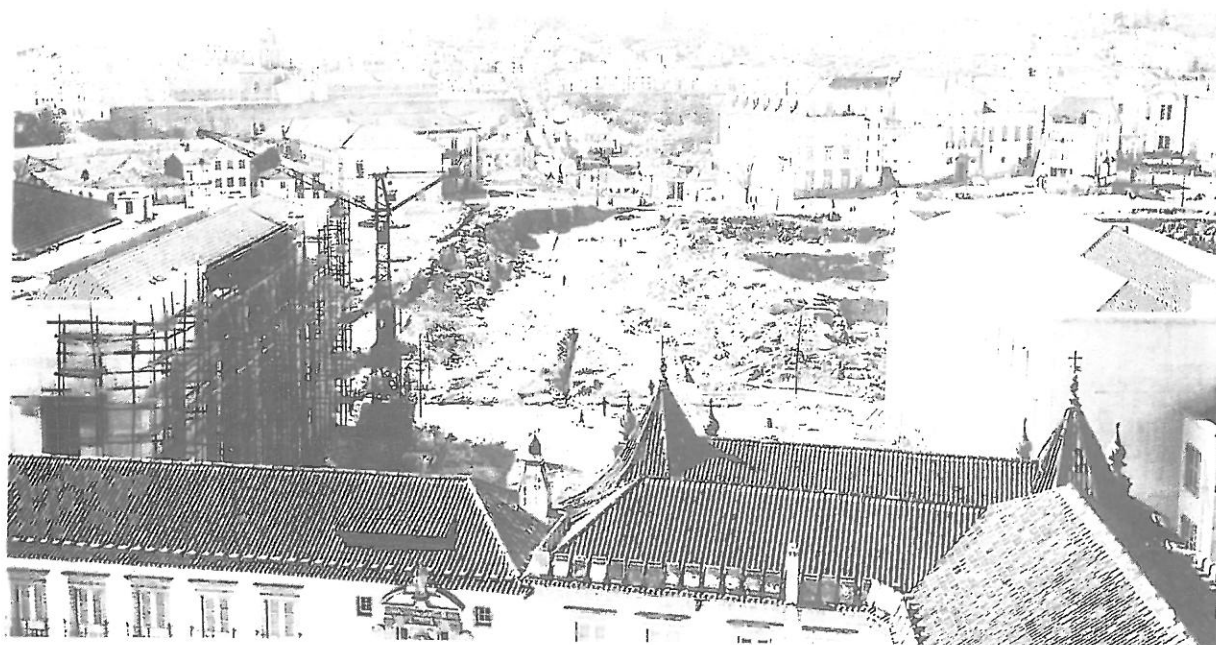
9. Vês? Consegues ver, por sob as pedras,
O que restou da minha vida?

Vês? Consegues ver, por entre as lágrimas,
Como era a minha vida?



10. Queimamos fitas em 26, 1926.
Lembraremos esse ano para sempre.

Começamos a destruir a Alta em 42, 1942.
Lamentaremos esse ano para sempre.



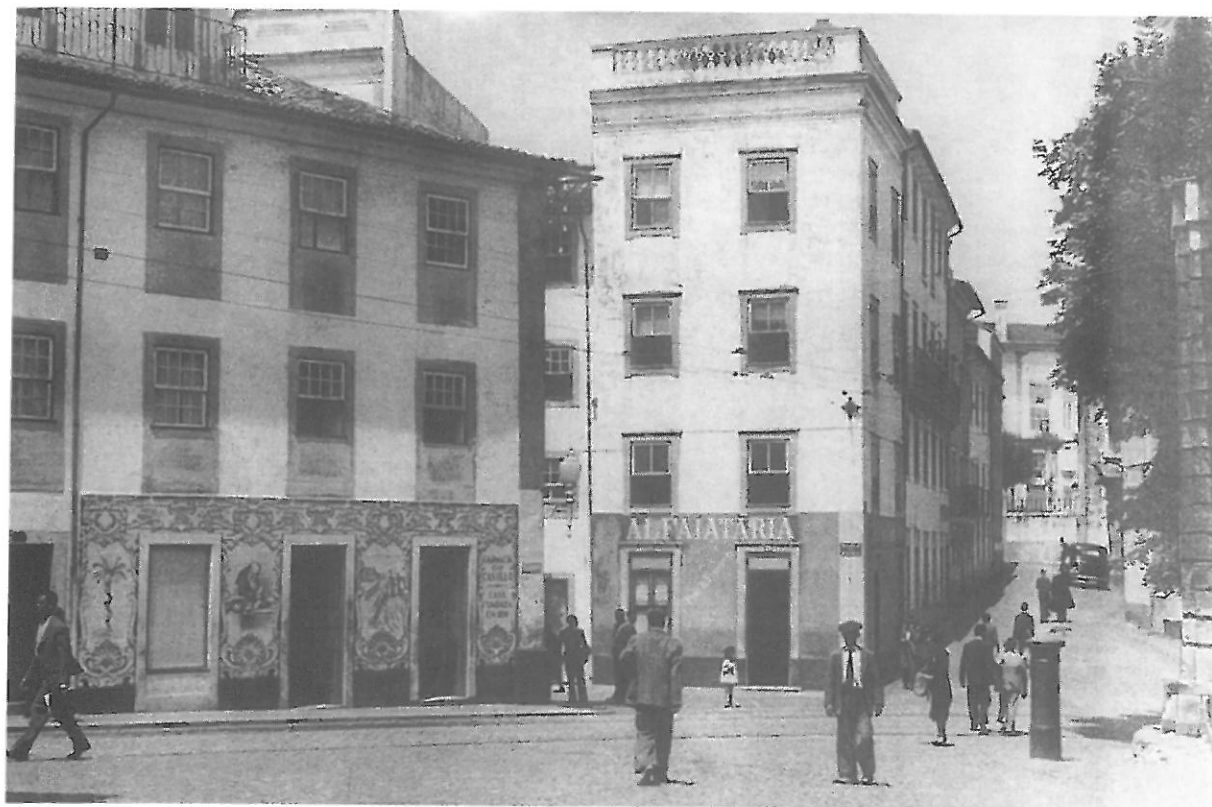
11. Para que serve uma janela
Senão para ver para além dela?
Para que serve, então, esta janela sem além?
Como se uma doença fora, alastrando,

Insidiosa e triste,
Como se fechássemos a porta
Do nosso filho, morto.



Feira das Vaidades, onde saldaram
Tudo quanto restou das nossas vidas

12. Feira dos Lázaros, onde mercadejamos
De tudo quanto é preciso numa vida.



13. Cruzo-me contigo, todos os dias,
A hora certa.

Diz-me, agora, onde te posso encontrar,
Quando nos formos?



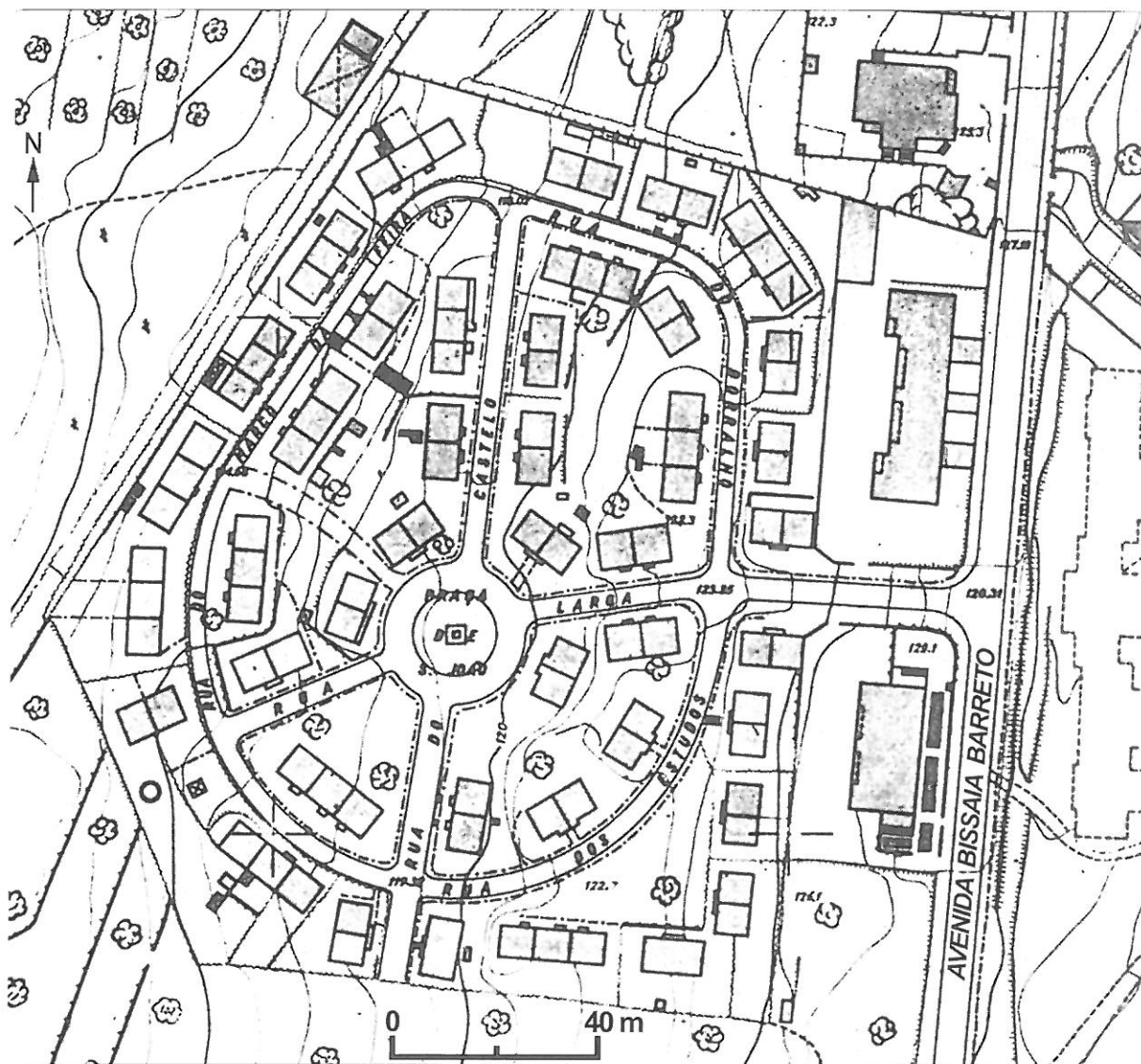
14. Arrumação, ordem e desafogo.
Largo da Feira, Fonte dos Bicos, casas grandes.

Cidade com alma.
Porquê?



15. Assim destruímos
Quem nos baptiza de alegria.
Que fogueiras saltaremos agora?

Que as casas são agora
Vazias e tristes. As janelas, como olhos cegos.
E os lugares cheios desta ausência.



Bairro de Celas

16. Separando quem nasceu junto.
Tu, vais para ali,
Onde todos são iguais a ti.
Tu, vais para além, porque és diferente (de ti?).
Deram-nos agora isto, para que aqui fizéssemos a nossa casa.
Como miúdos tristes, damos os nomes antigos, às ruas.

Reinventamos a Feira dos Lázaros.
Saltamos as fogueiras no S. João.
Mas, como miúdos tristes, guardamos, ainda,
Por entre o cotão dos nossos bolsos,
Uma pedrinha das calçadas da Alta.
Que apertamos quando estamos aflitos.